



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA**  
**CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS**

DÉBORA MARIA AMARAL SANTANA  
JOSÉ ALBINO DA SILVA NETO

**SHANTAY, YOU STAY!**  
**A INFLUÊNCIA DE RUPAUL'S *DRAG RACE* NO POP MUSIC E A**  
**CENA *DRAG* EM MACEIÓ**

MACEIÓ  
2023

DÉBORA MARIA AMARAL SANTANA  
JOSÉ ALBINO DA SILVA NETO

**SHANTAY, YOU STAY!**  
**A INFLUÊNCIA DE RUPAUL'S *DRAG RACE* NO POP MUSIC E A  
CENA *DRAG* EM MACEIÓ**

Monografia apresentada ao Curso de  
Relações Públicas da Universidade  
Federal de Alagoas como requisito final  
para a obtenção do grau de bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Lucia Lima  
da Silva Correia

MACEIÓ  
2023

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S232s Santana, Débora Maria Amaral.  
Shantay, you stay! A influência de RuPaul's *Drag Race* no pop music e acena *drag* em Maceió / Débora Maria Amaral Santana, José Albino da Silva Neto. – 2023.  
56 f. : il. color.

Orientadora: Rosa Lucia Lima da Silva Correia.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Públicas) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 51-55.  
Apêndice: f. 56.

1. Arte drag. 2. Drag queen. 3. Performance de gênero. I. Silva Neto, José Albino da. II. Título.

CDU: 316.723-055.3

*Aos nossos pais pelo apoio incondicional.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradecemos a Deus por cada dádiva recebida, por cada conquista, por conseguirmos concluir mais uma etapa em nossas vidas e principalmente por estar sempre presente em cada passo dado.

Agradecemos infinitamente as nossas famílias, pelo incentivo e apoio incondicional, por serem nossos exemplos de respeito e dignidade e simultaneamente pela capacidade de acreditarem e investirem em nós, sendo as pessoas que auxiliaram na construção dos nossos caracteres.

Agradecemos a todos que fizeram parte das nossas vidas direta e indiretamente, por toda preocupação e atenção, por todo carinho e amor, por cada risada, especialmente, pela paciência nos momentos que mais precisamos.

Agradecemos aos amigos que conquistamos ao longo desta caminhada acadêmica, que apesar da distância estabelecida em virtude da mudança de sala ao fim do curso, não deixaram afetar em nenhum momento a amizade construída. Especialmente nossas amigas Alexsandra e Lysanne.

Agradecemos também imensamente à Universidade e a todos os professores que acompanharam nossa trajetória acadêmica, auxiliando nos momentos que precisamos e também pelos preciosos ensinamentos, pela dedicação e, sobretudo, pela confiança depositada.

*Aos que se deixam viver uma vida cheia  
de glitter e cores!*

*“Gay men don’t do drag to mock women;  
we do drag to mock the cultural concept of  
identity. If you don’t get irony, you don’t get  
drag.”*

(RuPaul)

## RESUMO

No Brasil é evidente a presença de um preconceito ou mesmo ódio em relação ao grupo LGBTQIPNA+, tendo em vista que o país registrou o maior índice de assassinatos dessa população em 2021, sendo Alagoas um dos dez estados com maior incidência de assassinatos de pessoas transsexuais em 2022. Diante desta realidade, esta investigação, que nasceu da percepção de um crescente interesse de pessoas em nosso círculo social em participar da arte *drag*, influenciadas principalmente pelo *reality show* "RuPaul's *Drag Race*", que se tornou um importante produto midiático, pretende apresentar a cena *drag* na cidade de Maceió e compreender como ela se desenvolve no mundo da música e entretenimento. Para tanto, esta pesquisa exploratória, que constou de entrevistas, recursos audiovisuais e observação de campo, baseou-se nas discussões de Berger e Luckmann, Igor Amanajás, Cristiane Santos, Foucault, Denis Pacheco e Carla Rosa para refletir sobre a temática e demonstrar a influência da mídia nas características e na constituição das personagens feminino-masculinas conhecidas por *drags queens*.

**Palavras-chave:** *Drag queen*; Performance de gênero; RuPaul's.

## ABSTRACT

In Brazil, the presence of prejudice or even hatred towards the LGBTQIPNA+ group is evident, given that the country registered the highest murder rate of this *population* in 2021, with Alagoas being one of the ten states with the highest incidence of murders of transsexual people in 2022. Given this *reality*, this investigation, which was born from the perception of a growing interest of people in our social circle in participating in *drag* art, mainly influenced by the *reality show* "RuPaul's *Drag Race*", which has become an important media product, intends to present the *drag* scene in the city of Maceió and understand how it develops in the world of music and entertainment. To this end, this exploratory research, which consisted of interviews, audiovisual resources and field observation, was based on the discussions of Berger e Luckmann, Igor Amanajás, Cristiane Santos, Foucault, Denis Pacheco and Carla Rosa to reflect on the theme and demonstrate the influence of the media on the characteristics and constitution of the female-male characters known as *drag queens*.

**Keywords:** *Drag queen*; Gender performance; RuPaul's.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b> – Vera Verão – a praça é nossa vivenciada por Jorge Lafond.....	30
<b>FIGURA 2</b> – Isabelita dos Patins e Fernando Henrique Cardoso .....	31
<b>FIGURA 3</b> – Cantora Pablo Vittar.....	31
<b>FIGURA 4</b> – Glória Groove .....	32
<b>FIGURA 5</b> – Contracapa de — <i>RuPaul is: Starbootyll</i> .....	33
<b>FIGURA 6</b> – Elton John e RuPaul na cerimônia do BRIT Awards de 1994 .....	34
<b>FIGURA 7</b> – Foto para divulgação do single “Água na boca” em parceria com <i>DJ Carlos Lins</i> – 2020.....	41
<b>FIGURA 8</b> – Foto de Khloe em festa.....	43
<b>FIGURA 9</b> – Foto de Jade em performance.....	45
<b>FIGURA 10</b> – Foto de Kristina em festa.....	47

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>1. THIS IS THE BEGINNING... IDENTIDADE DE GÊNERO X SEXUALIDADE..</b>	<b>13</b>
1.1 <b>Movimento feminista na Europa</b> .....	15
1.2 <b>Movimento Feminista na América Latina e Brasil</b> .....	18
1.3 <b>Androcentrismo, Patriarcado e Sexismo</b> .....	21
<b>2. “CATEGORY IS...”: ARTE DRAG AO LONGO DA HISTÓRIA</b> .....	<b>25</b>
2.1 <b>“We’re all born naked...”: O ser drag</b> .....	26
2.2 <b>Quem é RuPaul?</b> .....	32
2.3 <b>“Put the bass in your walk...”: RuPaul’s Drag Race e sua influência</b> .....	34
<b>3. “CAN I GET AN AMEN?”: O CENÁRIO DRAG EM MACEIÓ</b> .....	<b>39</b>
3.1 <b>Meet the queens: Algumas de nossas artistas</b> .....	40
3.1.1 <b>Maju Shanii: Cantora, DJ e performer</b> .....	40
3.1.2 <b>Khloe Klassy: DJ e performer</b> .....	42
3.1.3 <b>Jade Zolita: DJ, cantora, compositora e performer</b> .....	45
3.1.4 <b>Kristina Klassy: DJ e performer</b> .....	46
3.2 <b>Documentário “Don’t be a drag, just be a queen” e a cena drag em Maceió</b> .....	48
3.2.1 <b>Descrição dos personagens</b> .....	48
3.2.2 <b>Orçamento e detalhamento técnico</b> .....	48
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>50</b>
<b>5. REFERÊNCIAS</b> .....	<b>51</b>
<b>6. APÊNDICE</b> .....	<b>56</b>

## INTRODUÇÃO

A sociedade moderna é composta por retratos e recortes de uma população que vem conquistando cada vez mais espaço para manifestar sua diversidade, visto que, questões acerca de gênero e sexualidade têm atingido importantes pautas contemporâneas. Não obstante, este tema ainda é carregado de preconceito e necessita cada vez mais de notoriedade, sobretudo quando a LGBTQIPNA+ fobia ainda ceifar tantas vidas.

Analisando momentos de nossas vivências, sendo nós indivíduos LGBTQIPNA+<sup>1</sup>, e também peças do meio cultural em Maceió, eu Débora, uma jovem negra, bissexual, de estatura alta e corpo magro, trabalhei por 3 anos como co-produtora de eventos de música *pop* direcionados em sua maioria ao público LGBTQIPNA+ da cidade, e José Albino, jovem negro, bissexual, de estatura média e corpo esbelto, *DJ*, dançarino de grupos *K-POP*<sup>2</sup> e por vezes também *drag queen*, tivemos a ideia de analisar o cenário artístico LGBTQIPNA+ dela, mais precisamente fazendo um recorte para nosso ciclo de vida. Partindo disso, escolhemos analisar: “Existe cena *drag* em Maceió, se sim, como ela se dá?”.

Dentro da comunidade LGBTQIPNA+, ressalta-se o termo *drag queen*<sup>3</sup>, que embora seja considerado uma arte, ainda é alvo de forte preconceito, dentro da escala de visibilidade e aceitação, sobretudo pelo desconhecimento do real significado do termo. Para Amanajás (2015), o ato de se “montar” em *drag*, é, além de um posicionamento artístico, é um ato político.

Se antes as *drags queens* se restringiam aos guetos LGBTQIPNA+, hoje em dia, é possível presenciar a expansão desse nicho artístico, sejam nos meios de comunicação e propaganda em massa identidade de gênero se reafirma através dos movimentos sociais, com o objetivo de solidificar determinado orgulho repleto de significados, e a autoafirmação de todas suas ressonâncias. Tais movimentos tem como objetivo valorizar a cultura e as características de um grupo. (SILVA; BRAGA, 2015).

Por meio de uma pesquisa de natureza exploratória e descritiva, adotando uma

---

<sup>1</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneras, Queers, Intersexo, Pansexuais, Não-Binários, Assexuais e o “+” é de demais grupos e variações de sexualidade e gênero.

<sup>2</sup> Abreviação de *Korean Pop*, termo utilizado para caracterizar o estilo musical pop sul-coreano.

<sup>3</sup> Artista performática que se veste e encarna personagens com extravagância, humor e estilo para entreter o público.

abordagem antropológica<sup>4</sup> com ênfase na etnografia<sup>5</sup>, inicialmente, conduzimos entrevistas com três indivíduos que possuem experiência no mundo *drag*, de forma remota durante o período da pandemia entre os meses de agosto e setembro de 2020, a fim de fundamentar a parte textual deste estudo.

Entretanto, à medida que avançamos, percebemos a necessidade de transmitir a narrativa de maneira visual. Assim, “nasceu” um curta-metragem, em formato de documentário, sobre a vida de duas dessas *drags*.

No minidocumentário também temos a entrevista com um psicólogo especialista em psicoterapia com foco na população LGBTQIPNA+. A pesquisa acabou durando mais do que o esperado, passando por bastante dificuldade, onde nos deparamos com diversos empecilhos que acabaram nos distanciando, e em muitos momentos, nos fazendo questionar se era possível continuar com o projeto e concluir a nossa formação acadêmica. Dentre eles destacamos a gravidez de um dos membros da dupla, seguida da pandemia da Covid-19, que impossibilitou a realização das pesquisas de campo.

Como justificativa para um estudo de comunicação e suas consequentes implicações sociais, levantamos uma discussão acerca da evolução da figura artística *drag queen*, ressaltando que nem sempre ela teve esse espaço aberto e era aceita de forma ampla dentro da sociedade. Não obstante, hoje em dia há uma ressignificação sociológica e política sobre esses personagens, pois até o final do século XX, a arte era marginalizada até mesmo dentro da cultura LGBTQIPNA+. Contemporaneamente, a nível mundial, o *reality show* norte americano *RuPaul's Drag Race* trouxe à mídia a arte *drag* como não antes vista. Com a sua popularização, o número de pessoas que se dedicam a essa arte aumentou consideravelmente fazendo com que passassem a ser reconhecidos como artistas não apenas pelo público LGBTQIPNA+.

Assim, tomando como base o *reality show* americano e a figura *drag queen* como sujeito de análise, esta pesquisa, a partir de entrevistas com *drag queens* locais,

---

<sup>4</sup> Conjunto de métodos, teorias e perspectivas usados pelos antropólogos para estudar e compreender a diversidade cultural, sociedades humanas e interações interpessoais envolvendo a análise das crenças, valores, estruturas sociais, linguagem, evolução biológica e interações humanas em diferentes contextos, visando a compreensão abrangente da experiência humana.

<sup>5</sup> Abordagem de pesquisa qualitativa em antropologia que envolve a imersão profunda e participativa em uma comunidade ou grupo cultural específico através da observação e interação com a vida cotidiana das pessoas estudadas para compreender suas perspectivas, práticas, valores e comportamentos resultando em uma descrição rica e contextualizada da cultura e da sociedade, frequentemente apresentada em forma de narrativa detalhada.

buscou investigar o questionamento: “Existe de fato uma cena *drag* em Maceió?”, e trazer uma amostra de como ela estava sendo vivida/construída. Inclusive, cada tópico do trabalho conta com trecho de música ou bordão usado por RuPaul.

Dessa forma, o trabalho ficou estruturado em 3 capítulos, o primeiro sendo uma análise de como a busca pela compreensão da identidade de gênero e sexualidade tem sido um tema crucial na sociedade contemporânea. O segundo capítulo aborda a evolução da arte *drag queen* ao longo do processo histórico. O terceiro e último, busca compreender a situação atual de *drag queens* maceioenses no mundo da música e entretenimento; entendendo de que forma um *reality* consegue influenciar os personagens da pesquisa. E nas considerações finais concluímos que embora existindo bastante preconceito, há sim indivíduos LGBTQIPNA+ que vivem do meio artístico, e entre eles, os artistas *drags*, que buscam na música e na performance, expressar seus pensamentos.

## 1. THIS IS THE BEGINNING... IDENTIDADE DE GÊNERO X SEXUALIDADE

A teoria da identidade de gênero tem como questão central o conceito de gênero, acredita-se que a ideia de masculino e feminino se baseia em construções sociais e não em concepções biológicas. É importante ressaltar que gênero não é sinônimo de sexo biológico, quando falamos de gênero nos referimos a questões culturais, normas e condutas impostas a homens e a mulheres em função de seu sexo biológico (BRITO, 2021).

O principal objetivo da realização dos estudos de gênero é o de desmistificar que a biologia determina o que é feminino e que construções culturais determinam o masculino. No cenário brasileiro, apesar das diversas reformas na legislação e das mudanças mais amplas na condição social das mulheres, negros, homossexuais, ainda não existe uma situação civil igualitária entre os gêneros no país. De acordo com o Relatório Global de Desigualdade de Gênero 2021 do Fórum Econômico Mundial, o Brasil ocupa a 86ª posição entre 156 países no Índice de Desigualdade de Gênero. Além disso, estudos como o "Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil" elaborado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), evidenciam a persistência da violência de gênero, com taxas alarmantes de feminicídio. No âmbito econômico, a pesquisa "Mulheres, Empresas e o Direito 2020" do Banco Mundial aponta que o Brasil possui restrições legais à igualdade de gênero no mercado de trabalho e no empreendedorismo, prejudicando a participação e a ascensão de mulheres. Portanto, apesar das iniciativas e debates em torno da equidade de gênero, as evidências indicam que o Brasil ainda enfrenta desafios substanciais na conquista de uma situação civil igualitária entre os gêneros.

Por meio da falta de legislação surgem diversas formas de discriminação, justamente quando essa atitude ou esse ato-pensamento cria uma distinção entre os outros ou sobre os outros; gera, então, um tratamento diferencial e, em consequência, um preconceito (SILVA, 2010).

Para Silva (2010, p. 15) alguns tipos de preconceito são tão rigidamente criados e difundidos nas sociedades de massa que começam a fazer parte da cultura de um povo através de estereótipos, ou seja, "*negro não presta, índio é vagabundo, todo homossexual é efeminado e toda mulher loira é burra*" são exemplos disseminados em nossa cultura e estão tão enraizados no nosso imaginário, de forma velada ou explícita.

Para Silva (2014), o preconceito pode ainda estar associado à inclusão de um indivíduo em uma categoria, configurando uma identidade grupal hegemônica, a partir da designação de um conjunto de características negativas, fixas e imutáveis ao grupo. Desta forma, a medida em que um indivíduo se identifica com as características desse grupo, mais passa a fazer parte dele, vindo a sofrer as consequências pela sua inclusão no grupo discriminado.

Compreende-se que a sociedade contemporânea tem assistido e participado da constituição de uma lógica societária complexa onde, a despeito dos avanços científicos e tecnológicos, vê crescer situações que exibem dores e sofrimentos produzidos pelos próprios sujeitos sociais (FERREIRA, 2013).

É nessa questão, que o movimento *drag* é tão importante não só para conscientização para uma luta contra um machismo naturalizado pelo sistema capitalista em nosso país e no mundo, mas para uma crescente luta contra o capital e suas formas mais adversas de exploração de toda a classe à qual está inserida, sobretudo, exposição da arte como um todo (COSTA, 2015).

É importante destacar que somos forçados a encaixar nossos corpos dentro do que é tido como padrão. O medo do desconhecido faz com que nós, seres humanos, tenhamos a urgente necessidade de identificar e enquadrar em categorias tudo aquilo que nos causa desconforto. Ainda dentro do útero, somos parte do processo de adequação às normas, isso porque precisamos ser definidos por gêneros e suas respectivas cores e elementos que nos classificam. Somente para suprimos uma expectativa que vem do exterior: dos pais, dos familiares, amigos e da sociedade. Será que é uma menina ou menino? Finalmente, vamos poder escolher qual a cor do enxoval do bebê?

Para grande parte dos indivíduos, identificar biologicamente o feto (macho ou fêmea) define também uma identidade de gênero dentro do sistema binário feminino/masculino. Esse conceito de gênero binário está intrinsecamente ligado à necessidade de satisfazer os padrões heteronormativos, que asseguram a reprodução da espécie. Segundo Almeida (2021, p.269), “essa concepção do gênero não só pressupõe uma relação causal entre sexo, gênero e desejo, mas sugere igualmente que o desejo reflete ou exprime o gênero, e que o gênero reflete ou exprime o desejo”.

Ao classificar a relação entre gênero, sexo e sexualidade, de acordo com Piscitelli (2009, p. 119) “o termo gênero foi construído por pensadoras feministas a

fim de romper a ideia de que existem diferenças inatas entre o comportamento de homens e mulheres de forma que delimita seus espaços de atuação”.

Mesmo sendo considerado um termo inovador, o conceito de sexo passou a ser tão importante quanto o de gênero dentro das pesquisas. Dentro da teoria, sexo representa o aspecto biológico (hormônios, morfologia, genes) do sujeito, enquanto gênero está ligado ao caráter cultural das distinções entre homem e mulher (psicologia, sociologia e todo o aprendizado desde o nascimento) (PISCITELLI, 2009).

Para Araújo e Campos (2021), classificar um indivíduo como homem ou mulher é resultado da cultura agindo sobre os aspectos biológicos de cada pessoa (PISCITELLI, 2009, p. 124). Araújo e Campos (2021) destacam que há uma diferença sexual natural no corpo fisiológico. E a partir dessa reflexão, que Stoller (1993) compreende que, apesar dos indivíduos serem identificados quando nascem de acordo com os órgãos genitais (menina ou menino), podem-se identificar como homens ou mulheres de formas variantes de acordo com o lugar, a classe social e momento histórico. Como identificar sujeitos masculinos e femininos a partir da teoria de identidade de gênero? Quais e como se manifestam as características femininas e masculinas?

Para estas indagações, menciona-se a primeira onda do movimento feminista, no final do século XIX e começo do século XX, quando se iniciavam os questionamentos sobre os padrões da sociedade que separavam homens e mulheres em categorias distintas, significando que haveria atividades e coisas de homens e outras destinadas às mulheres. Nesta época, as principais reivindicações das feministas eram o direito ao voto (só homens podiam votar), acesso à educação, da mesma forma que os homens, e direito a ter posses e bens próprios (BRITO, 2021).

Piscitelli (2009, p. 127), pontua que foi neste contexto histórico onde suscitou-se um questionamento chave, precursor do feminismo: Se a subordinação da mulher não é justa, nem natural, como se chegou a ela e como ela se mantém? A importância do levantamento de questionamentos como este, fez-se clara logo após, por impulsionar a teoria dos papéis sociais, em busca de compreender o que influenciava o comportamento humano.

### **1.1 Movimento feminista na Europa**

O movimento feminista foi e é de grande importância para o movimento *drag*. Aproximadamente duzentos anos antes do “feminismo” se tornar um conceito

reconhecido, algumas mulheres destacaram-se por contestar a submissão imposta às mulheres, uma das principais figuras que se opuseram a esta realidade social foi Mary Astell, importante personalidade britânica.

Nascida em Newcastle upon Tyne, na Inglaterra, no ano de 1666, pertencente a uma família de classe média, nunca teve acesso à educação formal, porém recebeu ensinamentos de filosofia clássica de seu tio, Ralph Astell. Depois da morte de sua mãe, Astell mudou-se para Chelsea, em Londres, onde enfrentou enormes dificuldades financeiras. Para se sustentar como escritora, precisou de apoio financeiro de amigos para publicar suas principais obras, são elas, *A Serious Proposal to the Ladies* (1694) e *Some Reflections Upon Marriage* (1700)". (ESPÍNOLA; SILVA; ALVES, 2021).

Um de seus principais questionamentos refere-se a igualdade intelectual entre homens e mulheres, ela já afirmava que a grande diferença era que aos homens era permitido desenvolver esta intelectualidade, enquanto para a mulher tal possibilidade era negada (BRITO, 2021).

Mulheres como Astell, pioneiras em abordar temas hoje atribuídos ao movimento feminista, tem importante contribuição para o movimento e foram citadas em diversas ocasiões por nomes como Simone de Beauvoir.

O início do século XVII, pode ser apontado como um ponto de transição na percepção das condições vividas pela mulher, foi a partir deste período que mulheres inseridas em contextos diversos da sociedade, começaram a questionar se as condições impostas a elas eram de fato indispensáveis e intrínsecas da natureza feminina. A desigualdade de direitos tornou-se o principal motivo para que a população feminina da época, enxergasse de maneira crítica, as conjunturas que formavam a base da sociedade civil, onde os homens eram tratados como principais figuras para o desenvolvimento humano e às mulheres restava o papel de subserviência e submissão (BRITO, 2021).

A Igreja Católica, foi uma das responsáveis por reafirmar o papel de subordinação das mulheres em relação aos homens, era comum acreditar que as mulheres eram inferiores intelectual, cultural e socialmente. Com base em um dos principais acontecimentos bíblicos, a criação de Eva a partir da costela de Adão, acreditava-se que o papel fundamental da existência feminina era a de esposa e mãe (BRITO, 2021).

Apesar do posicionamento misógino da igreja católica, grupos dissidentes surgidos a partir da Reforma Protestante, a exemplo dos anabatistas e dos quakers, defendiam a ideia de que todo indivíduo era igual perante Deus. Assim, as mulheres

eram não apenas permitidas nos cultos, como ainda podiam liderá-los pregando o Evangelho. Do mesmo modo, alguns grupos políticos permitiam que a mulher desempenhava papéis de destaque internamente, podemos citar os Niveladores, que funcionava como um partido político igualitário que teve origem durante a Guerra Civil Inglesa (1642-1651), porém as demandas femininas foram suprimidas das reivindicações do partido por um maior quantitativo de votos (MORTALE et al., 2022).

No âmbito do movimento feminista, as contribuições teóricas da pensadora Joan Scott têm desempenhado um papel fundamental na desconstrução das narrativas dominantes e na análise crítica das relações de poder de gênero. Scott enfatiza a importância de examinar como as categorias de gênero são construídas socialmente e como elas moldam nossas percepções e realidades.

Como ela observa: *“O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”* (SCOTT, 1995, p. 12). Nesse contexto, o movimento feminista tem buscado não apenas promover a igualdade de direitos, mas também dismantlar as estruturas de poder que perpetuam a opressão de gênero, reconhecendo a centralidade da construção social do gênero na busca por justiça e equidade

Desde seu surgimento, o feminismo precisou lidar com constantes campanhas difamatórias, que tinham como objetivo principal criminalizar a luta feminista fazendo com que a *população* acreditasse que esta manifestação ocupava o papel de antagonista da moral e dos bons costumes da época. Apesar dos esforços para oprimir o movimento, a situação das mulheres cultural e politicamente nos diversos países espalhados pelo mundo, não pôde mais ser ignorada. Foi partindo deste princípio que a luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres e contra a dominação masculina e suas consequências que este movimento surgiu (MORTALE et al., 2022). Garcia define o feminismo da seguinte forma:

O feminismo pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade do seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim. Partindo deste princípio, o feminismo se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social (GARCIA, 2018, p. 13).

Resumidamente, o feminismo pode ser caracterizado como a ação coletiva ou individual de mulheres que rejeitam a posição de inferioridade imposta pela sociedade

através do patriarcado e reivindicam a posse de direitos fundamentais para que, com isso, sua existência se torne igualmente justa e reconhecida perante a sociedade.

## **1.2 Movimento Feminista na América Latina e Brasil**

Em uma análise cronológica, o Movimento Feminista, expande o feminismo no Brasil e no Mundo especialmente por volta do século XX, entre 1960 - 1990. É um movimento que constantemente está se adaptando às mudanças na sociedade, e que busca uma dialética fazendo um paralelo com a velocidade da luz (COSTA, 2015).

Em 1970, os avanços desse movimento no mundo estavam associados em relação a mudanças “novas”. No Brasil, não foi diferente, o qual teve uma forte presença do feminismo latino-americano (COSTA, 2015). Vale ressaltar, que surgiu com a forte luta, em separar a vida cotidiana da mulher mãe, esposa, com seus desejos e expectativas sobre questões sociais, humanas, acadêmicas e trabalhistas, e constituiu uma mudança no pensar político em novos espaços, no privado e doméstico.

O movimento feminista, apesar de levantar questões da mulher na sociedade como detentora de direitos e obrigações, defende também os interesses de gênero das mulheres, levantando debates sobre o sistema cultural e político. Nesse sentido, no século XIX, as mulheres no Brasil iniciavam uma forte mudança na produção e força de trabalho, ocupavam cada vez mais o trabalho na indústria, a qual eram a maioria da mão-de-obra na indústria têxtil (ÁLVAREZ, 2001).

Com as questões anarquistas e socialistas trazidas pelos trabalhadores imigrantes espanhóis e italianos, a mulher passa a incorporar às lutas sindicais na defesa de melhores salários e condições de higiene e saúde no trabalho, além do combate às discriminações e abusos a que estavam submetidas por sua condição de gênero (COSTA, 2015).

Na segunda metade do século XX, já se notavam organizações feministas socialistas, anarquistas e liberais em quase toda América Latina, criadas por classes populares (VALDÉS, 2000). Tais organizações se autodenominavam feministas, levavam os direitos das mulheres por onde passavam, organizando as mulheres em clubes de mães, associações, com o intuito de melhores condições e custo de vida, nas associações de bairros, as lutas eram por questões sociais, direitos a escolas, hospitais, saneamento básico, creches, transporte de qualidade, assim como, direito à terra e à segurança (JAQUETTE, 2014).

No Brasil, as organizações femininas, seguiam as orientações do Partido Comunista Brasileiro (PCB), como a União Feminina criada para atender a política de "frente popular" estabelecida pela Terceira Internacional em 1935, e o Comitê de Mulheres pela Anistia em 1945, tiveram amplo poder de articulação e mobilização feminina (COSTA, 2011).

Observa-se que, em linhas gerais, o cunho do movimento era conservador, não buscava uma divisão sexual de gênero, apenas reforçaram quebrar os estereótipos e tradições das virtudes domésticas da mulher na sociedade. Nessa época, "as mulheres aceitaram o princípio da diferença sexual, mas lutavam pela não discriminação injustificada" (MOLYNEUX, 2003, p. 79).

No golpe militar de 1964 no Brasil, diversos países latino-americanos, sofreram impactos negativos, nos movimentos feministas, assim, como os movimentos populares, foram silenciados e massacrados (MOLYNEUX, 2003).

No Brasil, esse ato, ficou marcado pelo movimento das Marchas com Deus, defendiam a pátria e a família, que mobilizou grande número de mulheres em 1964 e 1968.

Esse foi um grande impacto do movimento feminista internacional, pois deu uma nova modernização ao feminismo, e as mulheres começam a estar mais presente no mercado de trabalho nas questões educacionais. No Brasil, as questões culturais de 1968 passam a ser debates, tais como, os novos comportamentos afetivos e sexuais, acesso ao recurso das terapias psicológicas e da psicanálise, conflito com o padrão tradicional e as hierarquias de gênero passaram a ser pautas (SARTI, 2018). Em 1970 na América Latina nasceu em meio ao autoritarismo dos regimes militares uma resistência das mulheres à ditadura militar (SIMÕES, 2015).

Para Álvarez (2001) esse momento de maior enfoque a questões de gênero, foi crucial para a transição das lutas feministas e para integração de forças para lidar com a discriminação dos partidos políticos liderados por homens, pela igreja progressista sob um Estado patriarcal, capitalista e racista. O feminismo europeu e norte-americano, possuíam características distintas, mas buscavam os mesmos interesses em promover uma reforma social dentro do qual se realizavam os direitos da mulher trazendo como aliados o envolvimento de setores populares (MOLYNEUX, 2003).

Em 1975, passa-se a criar o Ano Internacional da Mulher, promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU), em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo

Horizonte, reunindo mulheres interessadas em discutir a condição feminina na sociedade, neste momento se desenvolvia na Europa e nos Estados Unidos (COSTA; 2015).

A partir deste evento, surgem novos grupos de mulheres em todo o país, "grupos de estudos" e de reflexão, organizados de acordo com o modelo dos "grupos de conscientização" surgidos no exterior (FIGUEIREDO, 2018).

Ainda em 1975 é criado o jornal Brasil Mulher, em Londrina, no estado do Paraná, ligado ao Movimento Feminino pela Anistia e publicado por ex presas políticas. Em 1976, um grupo de mulheres universitárias e antigas militantes do movimento estudantil começa a publicar o jornal Nós Mulheres, desde seu primeiro número auto identificado como feminista. Ainda neste ano, o Brasil Mulher também se colocava abertamente como um jornal feminista (COSTA, 2015).

A partir de 1978, estes dois jornais se converteram nos principais porta-vozes do movimento feminista brasileiro, ampliam com o tempo, novos movimentos de luta geral, como, os dos negros e homossexuais. Muitos grupos de associações de moradores e aos clubes de mães lutaram pelas questões de especificidades de gênero, tais como creches e trabalho doméstico e o combate à violência contra a mulher e a sexualidade (COSTA, 2015).

O feminismo chegou até a televisão revolucionando os programas femininos, sobre culinária, moda, educação de filhos, temas até então impensáveis como sexualidade, orgasmo feminino, anticoncepção e violência doméstica.

Até 1980 o movimento buscava as relações de trabalho e luta contra a ordem social, política e econômica. O avanço do movimento levou a incorporar as demandas das mulheres em programas e políticas públicas o qual por meio do Partido Democrata Social (PDS), surge o Comitê Feminino (ÁLVAREZ, 2001).

Em 1980-82, surgem novamente as divisões políticas e partidárias a qual começou a descaracterizar as práticas autônomas dos movimentos, os grupos se dividiram e se desmancharam. Na divisão, muitas feministas se concentraram nos partidos, outras permaneceram somente no movimento (COSTA, 2015).

Em 1982, em alguns estados e cidades, se criaram os Conselhos dos Direitos da Mulher (CDM), e mais adiante o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), se configurou novos interlocutores na relação com os movimentos (LOBO, 2017). Os discursos feministas invadiram os discursos partidários. A vitória do Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) para o governo de São Paulo garantiu a

criação do primeiro mecanismo de Estado no Brasil voltado para a implementação de políticas para mulheres: o Conselho Estadual da Condição Feminina (CECF), criado em abril de 1983.

Em 1985, um episódio em especial marcaria a trajetória da luta feminista: a participação das mulheres nos conselhos, e em especial, no CNDM, foi uma questão polêmica que incitou os ânimos no VII Encontro Nacional Feminista (ENF), realizado em Belo Horizonte. A perspectiva de atuar no âmbito do Estado representava para muitas mulheres, uma brecha na luta pela autonomia do movimento feminista (MOLYNEUX, 2003).

Com a atuação do movimento em relação ao CNDM, criado entre as feministas do PMDB, houve um processo de transição, o qual as políticas especiais para as mulheres, reafirmam a luta pelo fortalecimento e respeito à autonomia do movimento em toda sociedade (COSTA 2015).

No Brasil, em 1988, surge a Carta Magna, atual constituição vigente no país, documento que trouxe certos temas do interesse das mulheres no plano internacional e político, o que possibilitou a mudança do status jurídico das mulheres no Brasil. Um exemplo disso é o I do art. 5º:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: I - Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição; (BRASIL, 1988)

Como ressalta Cabral (2008, p. 63) que “as legislações têm avançado com o objetivo de valorizar e resguardar a mulher, seja nas áreas do direito do trabalho, da família, previdenciário, dentre outras”.

Assim, a teoria feminista, elaborou quatro conceitos-chave que se relacionam entre si e tem como objetivo desempenhar papel de instrumento de análise onde sua função direciona-se em investigar a sociedade atual, identificar métodos de exclusão, compreender suas causas e apresentar formas de reverter essa realidade. São eles: androcentrismo, patriarcado, sexismo e gênero.

### **1.3 Androcentrismo, Patriarcado e Sexismo**

O Androcentrismo se caracteriza pela tendência para colocar o masculino como sendo o único paradigma de representação coletiva, estando o pensamento masculino acima de todos os outros. Nada mais é que a atribuição ao homem e ao

masculino o poder de liderar a raça humana, em outras palavras constitui-se em tornar a figura masculina como parâmetro para todas as coisas (SILVIA, 2006).

Em anúncios antigos, por exemplo, em especial relacionados a bens de consumo duráveis (como eletrodomésticos), as mulheres eram sempre colocadas numa posição de “servidão” aos seus respectivos cônjuges, ao passo que, numa propaganda de automóveis, eram os homens quem tinham lugar de prestígio e exclusividade na divulgação deste bem.

No meio científico práticas androcêntricas se fazem ainda mais presentes, pois muitas vezes, estudos desenvolvidos por mulheres, sobretudo nas áreas de ciências exatas, tem suas autorias ofuscadas pela presença masculina. Não é incomum se deparar com turmas lotadas de alunos homens, principalmente em cursos da área das ciências exatas, a exemplo das engenharias, apesar de emancipação das mulheres na sociedade. Mas esta definição está realmente ligada a ideia de patriarcado.

O patriarcado é um sistema social e cultural que atribui poder, controle e privilégios aos homens, em detrimento das mulheres e de outras identidades de gênero. De acordo com Cunha (2014), o sistema patriarcal pode ser concisamente descrito como um arranjo de poder caracterizado por relações de domínio e subordinação, em que o papel central é desempenhado pelo homem, frequentemente designado como pai ou patriarca. Ele assume o papel de provedor e mantenedor, representando a máxima autoridade dentro da unidade familiar. Essa autoridade é tão abrangente que se estende a todos os membros do lar, incluindo esposas e filhos, os quais são esperados a obedecer-lhe integralmente. Sobre esse assunto, Cunha (2014) destaca:

O patriarcado é, por conseguinte, uma especificidade das relações de gênero, estabelecendo, a partir delas, um processo de dominação-subordinação. Este só pode, então, se configurar em uma relação social. Pressupõe-se, assim, a presença de pelo menos dois sujeitos: dominador (es) e dominado (s) (CUNHA, 2014, p.154).

Esse sistema permeia diversas esferas da sociedade, como a política, a economia, a religião e a família, mantendo uma hierarquia onde os homens ocupam posições dominantes.

Nesse contexto, as mulheres frequentemente enfrentam desigualdades e discriminações, limitando suas oportunidades e liberdades. A perpetuação do patriarcado pode ser observada em normas sociais, estereótipos de gênero e

comportamentos arraigados na cultura. A análise do patriarcado tem sido amplamente discutida por estudiosos e teóricos feministas ao longo dos anos, como em obras de autoras como Simone de Beauvoir, autora de "O Segundo Sexo," e Bell Hooks, autora de "O Feminismo é para Todo Mundo". Essas referências bibliográficas fornecem perspectivas fundamentais para compreender e combater as estruturas patriarcais que ainda perduram na sociedade contemporânea e que ainda geram problemas como o sexismo.

Em linhas gerais, o sexismo se configura como uma forma de discriminação em detrimento do sexo/gênero, sobretudo relacionado à figura feminina. Esse termo é oriundo de movimentos feministas desencadeados após a década de 70, e infelizmente, tem sido uma prática exercida, de forma misógina, até os dias atuais.

Garcia (2011) afirma que: "O sexismo se define como o conjunto de todos e cada um dos métodos empregados no seio do patriarcado para manter em situação de inferioridade, subordinação e exploração o sexo dominado: o feminino" (GARCIA, 2011. p. 18).

Garcia (2011) caracteriza o sexismo também como:

Uma ideologia que defende a subordinação das mulheres e todos os métodos utilizados para que essa desigualdade se perpetue. Um exemplo é a divisão da educação por sexos, constante na nossa sociedade e que tem oscilado entre ensinar as meninas unicamente a costurar e a rezar até a proibição de ingressarem na universidade ou exercerem certas profissões (GARCIA, 2011, P.18).

É preciso compreender que até os dias atuais esta ideologia ainda permanece em evidência na sociedade. A questão cultural é bastante relevante quando se trata desse assunto, pois muitas pessoas acreditam que tal situação não existe, ou que é tratada com uma seriedade exagerada. As novas gerações precisam ser ensinadas para que tais práticas não se perpetuem ainda mais na sociedade.

Vivemos em uma sociedade marcada pela desigualdade de gêneros, na qual muitos preconceitos permanecem nas entrelinhas. Os altos índices de violência contra mulher e a disparidade entre os salários de mulheres e homens, são alguns desses preconceitos. Apesar da inserção das mulheres em cargos de poderes, advinda de fortes lutas, travadas principalmente pelos movimentos feministas, a desigualdade no tratamento sobre a questão de gêneros ainda é algo muito perceptível (SUAREZ, 2011).

Tais índices demonstram a existência do sexismo, que é a discriminação de

gênero, preconceito ou discriminação baseada no gênero ou sexo de uma pessoa. O sexismo pode afetar qualquer gênero, mas é particularmente documentado como afetando mulheres e meninas. Gênero é um conceito que se refere aos papéis, comportamentos, características e expectativas socialmente atribuídas às pessoas com base em sua identidade como homem ou mulher. É importante ressaltar que gênero não se limita apenas a uma divisão binária, ou seja, masculino ou feminino, mas pode ser um espectro com uma ampla variedade de identidades de gênero, incluindo pessoas transgênero, não binárias, agênero, entre outras.

Enquanto o sexo biológico está relacionado às características físicas e fisiológicas de uma pessoa, o gênero é uma construção social e cultural que varia de acordo com diferentes sociedades e épocas. A compreensão e respeito pela diversidade de identidades de gênero são essenciais para uma sociedade inclusiva e justa, permitindo que cada indivíduo expresse sua identidade de forma autêntica, livre de estigmas e preconceitos. No próximo capítulo a discussão sobre gênero será mais aprofundada.

## 2. “CATEGORY IS...”: ARTE DRAG AO LONGO DA HISTÓRIA

Em termos cronológicos, na antiguidade clássica, desde Aristóteles, a noção de gênero era pautada na biologia, e tratava a mulher como biologicamente inferior ao homem e seu único papel era a reprodução. Esse pensamento se perpetua durante toda a história, quando, a partir do século XX, Simone de Beauvoir (1967, p. 9), suscita um questionamento sobre os papéis de homem vs. mulher na sociedade, onde ela afirma que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, no ensaio intitulado *O Segundo Sexo*, de 1949. A autora questiona a definição dita como biológica, e coloca a mulher enquanto ser social, e o que conhecemos sobre o que é ser mulher, foi uma construção social feita por homens, e o homem é visto como Sujeito e a mulher como o outro (ANDRADE, 2021). Em relação a isto, Andrade esclarece:

Não seria possível obrigar diretamente uma mulher a parir: tudo o que se pode fazer é encerrá-la dentro de situações em que a maternidade é a única saída; a lei ou os costumes impõem-lhe o casamento, proibem as medidas anticoncepcionais, o aborto e o divórcio (...) é impossível, vê-se por esse exemplo, encarar a mulher unicamente como força produtora; ela é para o homem uma parceira sexual, uma reprodutora, um objeto erótico, um Outro através do qual ele se busca a si próprio. (ANDRADE, 2021, p. 78).

A partir disso, o debate sobre o que seria hoje a teoria *Queer*<sup>6</sup> (*Queer* é um termo pejorativo no inglês, para se referir a pessoas homossexuais, e hoje a comunidade o ressignificou) surge na década de 80, por meio principalmente das teóricas feministas não-brancas e não heterossexuais, que começam o questionamento de divisão entre o sexo e o gênero e suas posições binárias, e até que ponto essa divisão é possível (OLIVEIRA, 2021).

Por exemplo, para os indivíduos intersexuais (antigamente considerado hermafroditas) - indivíduos que apresentam características sexuais que podem ser anatômicas, hormonais ou cromossômicas e não se enquadram nas definições típicas de masculino ou feminino - a intersexualidade desafia a visão binária estrita de sexo e questiona a noção de que existem apenas dois sexos. Ambas as áreas de estudo, teoria *queer* e intersexualidade, buscam desconstruir as normas dominantes e promover a inclusão de experiências e identidades marginalizadas (BUTLER, 1990). E esses corpos deixam de serem um objeto científico e perpassam dentro de várias

---

<sup>6</sup> O termo *Queer*, corresponde a uma expressão pejorativa que designa a homossexualidade, no modo de um insulto utilizado por grupos homofóbicos, no decorrer da história (Louro, 2020)

questões culturais, históricas e sociais. Toda essa teoria envolve desconstruir o entendimento de normas que tornam o homem branco, heterossexual, ocidental, como o modelo de normalidade.

Para Foucault (2005), a bioética era dada de forma disciplinar, onde um monarca “deixava viver, e fazia morrer”, e hoje, na nossa sociedade, isso se dá de outra forma, onde o Estado, tomou o lugar do monarca, e assumiu o papel de “fazer viver e deixar morrer”, assim, a função do poder não é mais matar, mas investir sobre a vida), e isso significa que determinados indivíduos que se encaixam no padrão dito como “normal”, são beneficiados, e quem está de fora deles, são desassistidos perante a sociedade e “deixados para morrer”.

A exemplo disto, estão as posições de minorias, como: mulheres, negros, indígenas, pessoas com deficiência (PCD) e indivíduos LGBTQIPNA+. A sexualidade, como dispositivo, opera por meio de um conjunto heterogêneo de discursos e práticas sociais, exigindo, da sua compreensão, procedimentos que correlacionem elementos tão diversos de regulação da vida social quanto discursos, instituições, formas arquitetônicas, enunciados científicos, proposições morais e filosóficas. (FOUCAULT, 2005).

Trazendo essa reflexão para nosso contexto, no Brasil, dentre as minorias, a população transsexual é a mais invisibilizada, enfrentando dificuldade de acesso a direitos básicos, como educação e saúde. E diante disso, a questão da sobrevivência gera dois tipos de situações: se submeter a subempregos, ou ingressar na marginalidade/criminalidade. Para além disso, o país, ocupa a liderança no ranking de países que mais matam pessoas transsexuais no mundo, segundo os dados do dossiê elaborado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) publicado em 2021.

## **2.1 “We’re all born naked...”: O ser drag**

Mesmo com todo o apelo e popularização às *drag queens*, o *reality show* americano *RuPaul 's Drag Race* não é o único exemplo da massificação desta cultura. A imagem *drag* já estava inserida na TV e no cinema antes mesmo do lançamento de RuPaul como cantora e apresentadora, e além disso, nos palcos, o teatro, já trazia *drag queens* como personagens principais nas peças e musicais. Portanto, elas não são uma criação deste século, e apesar de sua expansão na cultura do entretenimento na pós-modernidade, elas atravessaram a história desde o teatro

grego aos palcos das boates mais badaladas do mundo. Sendo assim, se faz necessário um entendimento genealógico desta trajetória (PACHECO, 2017).

*Drag Queen* é uma expressão de arte muito antiga que perpetua pelos anos, sofrendo adaptações ao ambiente e época em que é inserido. Pode-se dizer que é o artista que se transveste para performances, sejam elas mais cômicas ou mais sérias. Acredita-se que o termo veio da abreviação de *DRessed like A Girl*. C/onforme pontua Santos:

Através da montagem, os intérpretes / performistas transformam seus corpos rotulados de masculinos em outros corpos não segmentarizados pelo gênero ou sexo diferenciando assim dos demais, por tanto cada montagem é ritualizada de forma diversa, podendo assim dizer, se tornando uma tarefa um tanto quanto impossível de enquadrá-las em uma definição fechada. (SANTOS, 2014, p. 3)

De início, a imagem que temos das *drag queens* são do velho conceito de vê-las apenas se apresentando em boates e bares, fazendo dublagens de músicas da cultura *pop*. Hoje pode-se observá-las tomando espaços que antes eram tidos como impossíveis de serem alcançados. Esse cenário mudou e há exemplos de *drags* na televisão, cantando e se apresentando, tocando músicas de sua própria autoria nas rádios, saindo em turnês mundiais, cantando em festivais importantes, além disso, estão em capas de revistas, e sendo acompanhadas diariamente por inúmeros perfis em redes sociais.

Em sua maior parte, as *queens* contam com uma busca pela representação do feminino através da montagem, seja no exagero da maquiagem, uso de espumas ao redor do tórax simulando seios e no quadril para um aumento de curvas e roupas que ajudam na caracterização do corpo de mulheres, porém cada *drag* expressa sua arte como bem entende.

Mas, o que é montagem? Para Jesus (2012, p.18) “é vivenciar a inversão do gênero como diversão, entretenimento e espetáculo, não como identidade”. Sim, é comum encontrar mais elementos feminilizados numa *drag queen* ou masculinizados em *drag king*, porém não impede que também sejam feitos traços animalizados como chifres, asas, lentes coloridas para colocar nos olhos, além de perucas das mais variadas texturas. (GOMES, 2017).

A arte da montagem iniciou-se há muitos anos através de rituais das mais variadas culturas e se disseminou através de peças teatrais gregas (NASCIMENTO, 2019). No artigo “*Drag queen: um percurso histórico pela arte dos atores*

transformistas” (2014). Diz que: “a função de interpretar os diferentes personagens era uma atividade exclusiva do homem, mas que o ator usava não somente a máscara para interpretar papéis femininos; roupas e encheamentos também eram adicionados para a composição da personagem” (AMANAJÁS, 2014, p. 5), algo parecido com as próteses que algumas *drag queens* utilizam atualmente para moldar seu o corpo.

Desde então, a *drag queen* passou por várias transformações tanto esteticamente quanto em sua execução e função na sociedade, porém mantendo os principais objetivos que é gerar entretenimento e também estranhamento (AMANAJÁS, 2015).

É possível destacar, no mínimo, três tipos de caracterizações desta arte: Feminilizada, cômica e bizarra (GADELHA, 2008). Nisso, pode-se até fazer ponte com a obra “*A Arte Poética*” de Aristóteles, onde o autor afirma que o homem, em sua natureza, tem o instinto de imitar coisas adquirindo assim todo o aprendizado necessário para sua sobrevivência. Adquirindo o conhecimento através da imitação, o homem sente prazer. Para Aristóteles:

Nós contemplamos com prazer as imagens mais exatas daquelas mesmas coisas que olhamos com repugnância [...] o motivo por que se deleitam perante as imagens: olhando-as, aprendem e discorrem sobre o que seja cada uma delas. (ARISTÓTELES, s/d, p.2003)

Mesmo que a obra de Aristóteles e a arte *drag* pertençam a contextos culturais e históricos distintos, pode-se fazer um paralelo e encontrar pequenas conexões como a performance e teatralidade em que na “*Arte Poética*”, Aristóteles discute a tragédia como uma forma de arte que envolve a imitação da ação (ARISTÓTELES, 2003, p. 35) e a representação de personagens no palco e, da mesma forma, a arte *drag* é uma forma de performance artística em que artistas se vestem e se apresentam de maneira extravagante e exagerada, muitas vezes imitando personagens fictícios ou icônicos.

Aristóteles também enfatiza a importância da catarse, a purificação emocional (ARISTÓTELES, 2003, p. 99) experimentada pelos espectadores através da identificação com as emoções representadas na tragédia, enquanto a arte *drag* pode evocar emoções intensas no público, tanto através do humor como da expressão de identidades e experiências marginalizadas, podendo-se notar que há uma certa tendência a imitações em boa parte dos shows e performances. As performances de dublagens indicam exatamente isso, onde existem *drags* que tomam uma postura

mais cômica com atuações mais desajeitadas e também as mais dramáticas que investem muito numa interpretação mais aprofundada da letra em cada performance. Ambas as formas de arte têm o potencial de despertar emoções e criar conexões com o público.

As *drag queens* desempenham um papel importante na quebra de estereótipos de gênero e na promoção da diversidade e inclusão. Elas desafiam as normas tradicionais de gênero, explorando a fluidez e a maleabilidade da identidade de gênero. Ao se apresentarem como *drag queens*, elas mostram que a expressão de gênero é uma forma de arte e autenticidade.

Apesar dos avanços, é importante ressaltar que as *drag queens* ainda enfrentam estigma e discriminação em alguns setores da sociedade. No entanto, a crescente visibilidade e aceitação delas têm contribuído para a promoção da igualdade e do respeito pela diversidade das identidades de gênero.

Através de programas de televisão, filmes, documentários e plataformas digitais, a mídia tem proporcionado espaços para artistas *drag* compartilharem suas histórias, habilidades e talentos. Um exemplo notável é o *reality show* competitivo "*RuPaul's Drag Race*", que se tornou um fenômeno mundial, alcançando uma audiência diversa e trazendo a arte *drag* para o centro das atenções. Ao longo de suas várias temporadas, o programa tem dado visibilidade a uma ampla gama de artistas, fornecendo uma plataforma para que eles mostrem seu talento e compartilhem suas experiências pessoais. Isso tem ajudado a normalizar a arte *drag* e a desafiar estereótipos e preconceitos.

Além disso, a mídia tem desempenhado um papel fundamental na educação do público sobre esse tipo de expressão artística e nas questões enfrentadas por artistas *drags*. Documentários e programas de entrevistas têm explorado as histórias pessoais por trás das personas *drags*, destacando os desafios que esses artistas enfrentam, bem como as recompensas emocionais que encontram ao se expressarem através de sua arte. Essas representações positivas e informativas ajudaram a diminuir a estigmatização e a aumentar a compreensão em relação à comunidade.

As redes sociais também desempenharam um papel importante na ampliação da visibilidade da arte *drag*. Plataformas como o *Instagram*, *YouTube* e *TikTok* têm permitido que artistas do nicho alcancem um público global, compartilhando performances, tutoriais de maquiagem e conteúdo relacionado à arte *drag*. Isso tem proporcionado uma maior acessibilidade à arte *drag*, permitindo que pessoas de

diferentes partes do mundo experimentem e se envolvam com essa forma de expressão.

Ao fornecer espaços de representação, educar o público e permitir que artistas *drags* alcancem um público mais amplo, a mídia tem desempenhado um papel positivo na visibilidade e aceitação desses indivíduos. No entanto, é importante ressaltar que nem todas as representações midiáticas são igualmente inclusivas e respeitadas. É essencial que a mídia continue a promover uma representação diversa e autêntica da comunidade *drag*, evitando estereótipos prejudiciais e dando voz a uma ampla gama de artistas *drag*.

A seguir, seguem figuras de alguns artistas talentosos que usaram a mídia e TV para transcenderem os limites da identidade de gênero, encantando e desafiando a sociedade com suas performances ousadas e mensagens poderosas tão importantes para o movimento *drag* no Brasil:

#### 2.1.1.1 Figura 1 – Vera Verão – a praça é nossa vivenciada por Jorge Lafond



Fonte: Google imagens (2022)

Jorge Luiz Souza Lima nasceu em Nilópolis (RJ) em 29 de março de 1952. Jorge Luiz Souza Lima, conhecido pelo seu nome artístico Jorge Lafond, foi um ator, comediante, dançarino e *drag queen* brasileiro. Sua principal personagem foi Vera Verão, estrela do humorístico *A Praça é Nossa*, do SBT, morreu há 19 anos, em 11 de janeiro de 2003. Sendo até os dias atuais umas das figuras mais respeitadas no ramo.

### 2.1.1.2 Figura 2 – Isabelita dos Patins e Fernando Henrique Cardoso



Fonte: Google imagens (2022)

Isabelita dos Patins, nome artístico de Jorge Omar Iglesias, é uma *drag queen* argentina.

### 2.1.1.3 Figura 3 – Cantora Pablu Vittar



Fonte: Google imagens (2022)

Phabullo Rodrigues da Silva, conhecido por seu nome artístico Pablu Vittar, é um cantor e *drag queen* brasileiro.

#### 2.1.1.4 Figura 4 – Cantora Glória Groove



Fonte: Google imagens (2022)

Daniel Garcia Felicione Napoleão, mais conhecido pelo seu nome artístico Gloria Groove, é um cantor, rapper, compositor, *drag queen*, dublador e ator brasileiro. Iniciou sua carreira em 2002 no grupo Galera do Balão, nova versão da Turma do Balão Mágico.

Por fim, cabe aqui a ponderação de Rosa (2021), que descreve que a figura da *drag* suscita reflexões acerca de gênero e sexualidade, atreladas a questionamentos sobre a essência dessas esferas, fazendo pensar sobre seu caráter construído. Desta forma, a *drag queen* repete e subverte o ser feminino, trazendo à baila características culturais de gênero, com um certo exagero, demonstrando a sua não naturalidade e indo mais além, pois é desta maneira que a sua figura evidencia o fato de que os modos como nos portamos, na condição de sujeitos de gênero e sexualidade, são uma invenção cultural.

## 2.2 Quem é RuPaul?

Diferente do que se pensa, RuPaul não surgiu como uma superestrela. Apesar de carregar a imagem de diva, essa *drag* negra, altíssima, esbelta e loira, precisou de muito esforço para chegar ao ápice dentro da cultura *pop*. Antes de se tornar conhecida por revolucionar a forma que a cultura *pop* enxergava as *drag queens*, RuPaul começou sua carreira na cidade norte-americana Atlanta e se tornou conhecida na cena *drag* por atuar e dirigir diversos filmes de baixo orçamento nos anos 1980, como “*RuPaul is: Starbooty*” (1987), além de aparecer em um grande número de programas televisivos e álbuns musicais (AMANAJÁS, 2014).

2.2.1.1 Figura 1- Contracapa de —*RuPaul is: Starbootyll*

Fonte: Google Imagens (2022)

RuPaul é uma das personalidades mais influentes da comunidade *drag* e da cultura *pop* em geral. Ele nasceu em 17 de novembro de 1960, em San Diego, Califórnia, com o nome de RuPaul Andre Charles. É mais conhecido como apresentador e produtor do *reality show* "*RuPaul's Drag Race*", um programa de competição para *drag queens* que se tornou um fenômeno mundial.

Chegou ao estrelato após o lançamento de seu álbum mais icônico *Supermodel of the World* (1993), graças a ele, foi indicada ao prêmio de *Best Dance Video*, com o *single* *Supermodel (You Better Work)* e no ano seguinte gravou, com Elton John, um cover da música *Don't Go Breaking My Heart*. Em 1994, apresentaram juntos o que vem a ser a maior premiação de música *pop* do Reino Unido, o *BRIT Awards* (AMANAJÁS, 2014). Segundo afirma Amanajás:

RuPaul elevou a arte das *drag queens* no mundo através de seus singles (*Supermodel* ficou em segundo lugar na Billboard, perdendo somente para *I'm Every Woman* de Whitney Houston), filmes, trabalhos como modelo fotográfica e de passarela e, desde 2009, comanda seu próprio *reality show* na televisão. [...] *RuPaul's Drag Race* tem recebido grandes celebridades do showbiz através dos anos e tem sido topo de audiência em vários países do mundo. Além de disseminar a cultura gay e a arte das *drag queens*, o show tem aberto possibilidade e espaço para vários artistas *drags* poderem ser vistos e reconhecidos por seus trabalhos. (AMANAJÁS, 2014, p. 19)

2.2.1.2 **Figura 2- Elton John e RuPaul na cerimônia do BRIT Awards de 1994.**



Fonte: Google imagens (2022)

A então famosa *drag*, mostrada na figura acima, não se limitou somente a sua bem sucedida carreira na indústria fonográfica, lançou também uma autobiografia, *Letin'All Hang Out* (1995), foi estrela de grandes campanhas de cosméticos e tornou-se apresentadora de *talk show* na televisão e no rádio. RuPaul também atuou em filmes e programas de TV, participando de produções como "*To Wong Foo, Thanks for Everything! Julie Newmar*" (1995) e "*The Brady Bunch Movie*" (1995).

Atualmente, comanda o *reality show* televisivo, que carrega seu nome *RuPaul's Drag Race*, que lhe rendeu um *Emmy* em 2016, quando se tornou a primeira *drag queen* a ganhar o prêmio categoria de melhor apresentadora(a) de *reality show*. Sem dúvidas, a importância de RuPaul na cena *drag* mundial é indiscutível e vai além de sua carreira artística. Ele é um catalisador de mudanças sociais positivas, proporcionando visibilidade à arte *drag* e defendendo a igualdade e a aceitação. Sua influência se estende a diversas áreas, deixando um legado duradouro na cultura *pop* e na comunidade LGBTQIPNA+.

### 2.3 **"Put the bass in your walk...": RuPaul's Drag Race e sua influência**

Iniciado em 2009, produzido pela *World of Wonder* e, originalmente, exibido nos Estados Unidos pelo canal *LogoTV*, hoje pelo canal *Paramount+*, o programa comandado pelo ator, cantor e *drag* RuPaul Andre Charles, conhecido apenas por RuPaul, possui quinze temporadas que contam com *drag queens* competidoras inéditas e mais oito temporadas especiais, intituladas *AllStars*, com integrantes que

já fizeram parte da atração e retornam ao programa devido ao sucesso das membros nas redes sociais e mundo da música, teatro e TV. Além de edições especiais e *spin-off* produzidas para *Netflix* e *YouTube* (PACHECO, 2014), como a edição inglesa intitulada "*RuPaul's Drag Race UK*" e outros *spinoffs* notáveis "*Drag Race Thailand*" (versão tailandesa), "*Canada's Drag Race*" (versão canadense), "*Drag Race Holland*" (versão holandesa) e "*Drag Race España*" (versão espanhola). Essas edições expandiram a franquia e permitiram que *drag queens* de diferentes países mostrassem seu talento.

Vale ressaltar a relevância cultural do programa, uma vez que *RuPaul* ganhou um *Emmy* em 2016, na categoria "Melhor Apresentador de Programa de *Reality* ou de *Reality* de Competição", e dois anos depois, em 2018, seria a vez do próprio programa de ser premiado com o *Emmy* de "Melhor Programa de *Reality* de Competição"; e como o "Melhor *Reality Show*" no 21.º *GLAAD Media Awards*.

Com uma proposta que se assemelha à produção *America's Next Top Model*, competição que busca uma nova face para modelos estadunidenses, *RuPaul's Drag Race* veio a ser um grande sucesso na TV norte-americana, se consolidando através das quinze temporadas canônicas exibidas e servindo como inspiração para a criação de programas voltados para a cultura e arte *drag* mundo a fora, incluindo o Brasil com a produção "*Glitter: Em Busca de um Sonho*" (exibido pela TV Diário - Fortaleza), "*Academia de Drags*" (exibido no *Youtube*) (PACHECO, 2014) e, mais recentemente, "*Caravana das Drags*" (exibido no *Amazon Prime Video*) com apresentação de Ikaro Kadoshi e Xuxa.

O programa segue a linha de outros *realities* que contam com uma pré-seleção das participantes (majoritariamente norte-americanas, mas que também conta com a presença de latinas e asiáticas que vivem nos Estados Unidos) através do envio de vídeos para análise. Após a escolha, as *queens* passam a viver isoladamente com o risco de sofrer expulsão do programa caso entrem em contato com pessoas de fora, como por exemplo, familiares e amigos.

Ao decorrer da temporada, sob orientação do mentor e apresentador, as participantes são submetidas à realização de vários desafios como atuação, canto, dança, *stand up comedy*, além do desafio de costura para a criação de roupas que são exibidas e analisadas durante um desfile como desafio principal da semana em que o desempenho será julgado tanto por *RuPaul* e *Michelle Visage*, coapresentadora, como por outros jurados convidados. Desta forma, o *reality show*

norte americano *RuPaul's Drag Race* serviu como um impulsor da arte *drag* na atualidade, mesmo que muitas queens novatas neguem isso por medo de se sentirem inferiores às mais antigas.

A partir do momento em que determinado assunto é incessantemente mostrado nas mídias, ele acaba sendo recebido com mais facilidade por parte do espectador e fazendo parte das conversas cotidianas desse público (McCOMBS, 2009), e levando esse pensamento à exposição midiática das *drag queens*, percebe-se que a arte passou a ser vista com outros olhos.

Logo após o sucesso de exibição da primeira temporada, o programa passou a ganhar muitos patrocinadores que aproveitaram o grande alcance e *popularidade* do programa nas mídias sociais e TV para promover seus produtos e serviços para o público diversificado que assiste. Marcas de maquiagem, roupas, acessórios e outras empresas relacionadas à indústria da moda e beleza se fizeram e fazem presentes ao decorrer de todos esses anos de exibição. Essa colaboração entre o programa e seus patrocinadores tem sido uma parte fundamental do sucesso e do impacto cultural de *RuPaul's Drag Race* em todo o mundo.

Com a exibição do *reality show* nas casas norte-americanas, vários tabus foram quebrados em relação aos artistas, pois em determinados momentos do programa há a exposição da vida pessoal das participantes conversando sobre questões políticas nos bastidores, incluindo suas próprias experiências com discriminação, preconceito e como usam suas plataformas para conscientizar sobre questões importantes, além da exibição de vídeos dos familiares, namorados e amigos que estão na torcida por elas, o que acaba humanizando as artistas mostrando suas vulnerabilidades e criando uma proximidade com o grande público.

Ao decorrer das quinze temporadas, o programa foi ganhando popularidade, o público foi apresentado à uma gama de *drags* multi talentosas com vocabulários tidos como próprios, vários bordões, além de intrigas e as famosas trocas de deboche (*shade*). Situações típicas de um *reality show* na cultura *pop*. Ser *drag* acabou virando moda.

Vale ressaltar que o programa recebeu inúmeros prêmios e reconhecimentos ao longo das suas temporadas, destacando sua importância e impacto na cultura *pop* e na indústria do entretenimento. Alguns dos principais prêmios conquistados pelo programa incluem:

- *Prêmios Emmy* na categoria "Melhor Programa de Competição de Realidade" e "Melhor Apresentador de *Reality Show*", que foram vencidos por RuPaul por diversas vezes;
- *Critics' Choice Television Awards* vencendo várias vezes na categoria "Melhor Programa de Competição de Realidade";
- *MTV Movie & TV Awards* vencendo na categoria "Melhor *Reality show*";
- *GLAAD Media Awards* vencendo na categoria "Melhor Programa de Realidade.

Além dessa divulgação da arte *drag*, *RuPaul's Drag Race* também é ato político. Ao decorrer das temporadas, vem abordando questões políticas e sociais de maneira significativa, tornando-se uma plataforma para debates e discussões sobre temas relevantes para a comunidade LGBTQIPNA+. Entre desafios de comédia, canto e costura, já foi levado ao programa competidores que faziam *drag* sem o conhecimento de seus familiares, transexuais, grupo de mulheres soldados que possuíam algum tipo de bloqueio em relação a expressar sua feminilidade, homens *gays* mais velhos que foram militantes da causa LGBTQIPNA+ no passado e lutaram de frente contra ataques homofóbicos por todo o país, até mesmo participantes da Rebelião de *Stonewall*<sup>7</sup>, atletas e veteranos do exército, além de homens heterossexuais que estavam ali para uma *makeover*, como forma de entretenimento, mas também de esclarecimento. Para Pacheco:

Ru não hesita em inserir pequenas doses de sua própria agenda política, resultado de anos de militância não somente a frente de um movimento por direitos dos homossexuais, mas pelo próprio reconhecimento enquanto artista cuja orientação sexual permeia todo o seu trabalho. (PACHECO, 2014)

Porém a série também trouxe vários questionamentos que podem ser interpretados como algo negativo para a arte *drag* e um deles seria a padronização da *drag queen*. Cada *drag* tem sua forma de expressar a arte, mas o que se pode notar no programa é uma tendência a priorizar as *queens* mais *serving fish* (termo utilizado para aquela *queen* com mais traços femininos) e/ou comediantes fazendo com que quem segue outra linha acabe tendo sua *drag* questionada. No próprio programa, vemos essa discussão a respeito de *drags* como Courtney Act, Carmen

---

<sup>7</sup> A Rebelião de Stonewall foi uma série de protestos históricos da comunidade LGBTQ+ contra uma batida policial em um bar gay de Nova York, em 1969, marcando o início do movimento moderno pelos direitos LGBTQ+ fundamental para a história da igualdade e aceitação.

Carrera (que posteriormente se reconheceu como mulher trans) e Naomi Smalls vistas como ultra-femininas, enquanto que por outro lado temos exemplos como Sharon Needles, Milk, Alaska, Kim Chi e Yvie Oddly com estilos visuais bem mais diversificados e até assustadores.

Um outro ponto problemático em relação ao programa é a utilização de uma linguagem insensível, pois em algumas ocasiões, tanto RuPaul quanto outras *drag queens* no programa já usaram termos ofensivos, linguagem transfóbica ou comentários que foram percebidos como depreciativos. Essas situações causaram desconforto e críticas em relação à sensibilidade e respeito à diversidade.

Vale ressaltar que ao mesmo tempo em que a mídia ajuda na visibilidade da arte *drag*, por outro lado também faz com que haja uma super popularização e desvalorização da arte; com o *boom* do programa, veio também o aumento de pessoas que fazem *drag*, dessa forma o cenário ficou cheio de pessoas que não conhecem a arte a fundo, fazendo-a simplesmente por diversão e/ou dinheiro e não por toda militância que havia no início, causando um questionamento a respeito do valor da arte. Sobre esta arte em Maceió e outras características, trataremos a seguir.

### 3. “CAN I GET AN AMEN?”: O CENÁRIO DRAG EM MACEIÓ

No Brasil, o programa *RuPaul's Drag Race*, foi primeiramente exibido pelo canal *VH1*, mas não obteve tanto sucesso quanto quando passou a fazer parte do catálogo da *Netflix*. Muitas pessoas começaram a fazer *drag* e muitas outras pessoas passaram a admirar essa expressão artística.

O que antes era visto apenas nas cenas *undergrounds* das noites de cidade grande, passou a ganhar terreno com bastante velocidade. Mais casas noturnas estão investindo em shows de *drag queens*, os cachês aumentaram para artistas que são diferentes e se destacam e a cena noturna floresce com uma variedade de jovens que se divertem com o transformismo (BRANDÃO, 2016), isso é um fato em vários cantos do Brasil, incluindo Maceió.

Historicamente falando, a cidade de Maceió e o próprio estado de Alagoas constituíram-se sob uma estrutura conservadora, machista e de caráter patriarcal, muito desse processo a suas origens agrícola e canavieira, de acordo com Carvalho (2015a). Hoje em dia, essa estrutura misógina ainda se repete, sendo refletida em dados de violência, segundo informações divulgadas em julho de 2023 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Alagoas é o 2º estado mais violento para mulheres no Nordeste. E recentemente um dos 10 estados que mais matam pessoas transsexuais no país, segundo dados que constam no relatório publicado em 2022, pelo Grupo Gay da Bahia (GGB).

Na capital, tínhamos apenas a casa *Havana Dance Club*, desde 2017 reinaugurada como *Joy Club*, localizada no bairro de Jaraguá, que investiu bastante nesse tipo de atração e sendo o principal espaço de divulgação e apreciação da arte *drag*. *Drag queens* eram chamadas para realizar performances dublando os principais hits da cultura *pop*. Nos dias atuais, a grande maioria das casas noturnas e produtoras de eventos investem na arte *drag*, convidando *queens* locais para serem *DJs* em festas e anunciando que *drags* têm entrada *free*.

Sim, o que acaba também sendo uma oportunidade de lucro para empresários, pois a quantidade de festas direcionadas às *drag queens* só aumenta. Maceió já recebeu shows de Tatianna e Adore Delano, duas *drags* internacionais ex-participantes do *reality RuPaul's Drag Race*, durante suas turnês pelo Brasil, assim como também há o incentivo aos shows de *drags* locais como Samantha Vogue e Hagatha Laser que já possuem alguns anos de carreira e das que começaram a se

montar por influência do *reality* como é o caso de Maju Shanii, Khloe Klassy, Jade Zolita e Malea Mafre.

O número, mesmo que ainda pequeno se comparar com cidades vizinhas, de *drag queens* vem crescendo em alta velocidade, seja apenas para dar um *close* nas festas - assim como animadoras de aniversários -, ou trabalhando com recepção, *DJset*, apresentadoras do evento ou fazendo um show mesmo dentro das casas noturnas. Mas a arte *drag* não está mais se resumindo apenas às festas e eventos fechados, já podemos ver que está se expandindo para peças teatrais, assim como também para a área de produção audiovisual e musical, como é o caso da *drag queen*, citada anteriormente, Maju Shanii que se lançou no mercado musical em 2017 e continua lançando *hits* a cada ano.

### **3.1 Meet the queens: Algumas de nossas artistas**

Através de um questionário elaborado com o principal intuito de ir mais a fundo acerca de motivações e inspirações artísticas de um artista *drag queen*, entrevistamos algumas *drag queens* de Maceió que iniciaram a montagem *drag* graças à influência do *reality show*: Maju Shanii, Khloé Klassy, Jade Zolita e Kristina Klassy. Todas ligadas à música e RuPaul's *Drag Race* de alguma forma.

#### **3.1.1 Maju Shanii: Cantora, DJ e performer**

Erick Hanon é ator, bailarino e farmacêutico. O jovem 25 anos, negro, estatura média, e corpo esbelto, explora seu lado artístico de forma excepcional através da montagem *drag* e dando vida à Maju Shanii. O nome Maju faz alusão à repórter da rede Globo, Maria Júlia “Maju” Coutinho, e Shanii é uma palavra hindu que significa “maravilhosa”, e com isso quis passar em seu nome a “maravilhosidade”, como ele cita, da pessoa negra, tendo a Maju como mulher negra de referência.

Conhecendo o meio *drag* antes mesmo de começar a se montar, principalmente pelas influências e movimentação da cena *drag* aqui de Maceió, na *Havana*, atual *Joy Club*, seu maior contato com esta arte foi através do *reality RuPaul's Drag Race*, em meados de 2014/2015 e foi basicamente esse seriado que serviu como influência a ser *drag queen* montando-se pela primeira vez em dezembro de 2015 numa festa de natal da produtora “Cool” aqui de Maceió.

Ao ser questionado sobre a sensação de se montar, Erick afirma que é uma sensação única e que têm algumas pessoas que encaram a *drag* como uma

personagem, mas acredita que Maju é uma extensão do que o próprio Erick é e que a sensação que tem é que está apenas usando a maquiagem e a peruca pra se expressar artisticamente e demonstrar coisas que como Erick, não conseguiria demonstrar.

Dois anos após a primeira montagem como *drag*, Maju inicia sua carreira musical já chamando atenção do público LGBTQIPNA+ maceioense. Acostumados com a presença da *drag* comandando pistas de dança nas casas noturnas da capital, agora seria possível acompanhar o trabalho da artista também em plataformas digitais voltadas à música e vídeo.

Assim, tendo forte relação com a música e inovando no cenário musical maceioense, Maju Shanii, em parceria com o *DJ* Carlos Lins, lança sua primeira música, Salto 15, como single digital e em dezembro de 2017 lança seu primeiro videoclipe.

**Figura 7- Foto de Maju para divulgação do single “Água na boca” - 2020**



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Sobre sua relação com a música ela diz que:

— *É uma relação muito forte, e que aconteceu por acaso. Fui totalmente influenciado pelas drags cantoras da época que comecei a me montar, e além da formação em Farmácia, eu também sou formado em Teatro, sou ator profissional, e*

*eu já tinha feito alguns espetáculos de teatro em que precisei cantar, então a música esteve sempre presente, mas em segundo plano. Quando me lancei, vi que muitas artistas drags estavam se lançando como cantoras. Lia Clark, Pablio Vittar, Gloria Groove, Kaya Conky, Aretuza Lovi, começaram a se lançar na música, e eu fiquei me perguntando se eu poderia fazer isso também. Conheci o Carlos Lins, que é DJ e produtor musical, nos tornamos amigos, conversamos e daí saiu a parceria da minha primeira música “Salto 15”. Então minha relação com a música é ser música, respirar música, e agora minha drag Maju Shanii existe para isso (ERICK, em relato via Google Meet, 2020).*

Após o lançamento de seu primeiro single, Maju começa a realizar shows com maior frequência nas noites maceioenses cantando e dançando “Salto 15” e fazendo covers de outras cantoras. Em julho de 2018, lança seu segundo *single* “Pegar fogo” entrando na *playlist* “Trap Brasil” do *Spotify* e “Hinos do Arco-íris” da *Deezer*. A partir daí, seus números só vieram a aumentar levando a artista a participar de festivais no estado e lives no *Youtube*.

Independente do seu crescimento no meio online, seja *Youtube* ou outras plataformas de música digital, ainda não é possível viver apenas da arte *drag*. Maju relata em entrevista que ainda faltam muitas oportunidades e ainda há poucos espaços dedicados ao público LGBTQIPNA+ para realização de apresentações. Com isso, o dinheiro que ganha como *drag* não seria o suficiente para se manter, pois além da compra de maquiagem e perucas, existem gastos com produção de música, aluguel de estúdio para gravação de clipe e confecção de figurino para Maju e seus dançarinos.

### 3.1.2 Khloe Klassy: DJ e performer

Ela é *chic*, é a dona da beleza e das palhaçadas, Khloe Klassy é certamente um dos maiores nomes na noite maceioense por seu estilo marcante, peculiar e clássico. Ruiva, loira ou morena, a artista se faz presente no cenário desde 2015 servindo looks, performance, carisma, genialidade e poder. Não seria possível esperar algo menos que isso vindo de alguém que tem como inspiração ninguém mais e ninguém menos que a personalidade da mídia Khloé Kardashian.

### 3.1.2.1 Figura 8 – Foto de Khloe em festa



Fonte: Acervo pessoal cedido pela artista (2022)

Reynald Lessa jovem pardo, com aparência robusta e estatura média, dá vida à Khloe Klassy. Trabalhando atualmente como funcionário público, conheceu o mundo *drag* quando era mais novo através de vídeos no *Youtube*. Desde os 13 anos de idade, ele já se inspirava em *drags* através de performances de Silvetty Montila, Striparella, Lysa Bombom e outros nomes do cenário *drag* da cidade de São Paulo. Um pouco mais tarde, descobre o universo de *RuPaul's Drag Race*. Raja (3ª temporada), Manila Luzon (3ª temporada) e Violet Chachki (7ª temporada) são suas três maiores influências e inspirações a fazer *drag*, não em questões estéticas, mas por afinidade com as personalidades.

Transformando-se em *drag queen* pela primeira vez em meados de Junho de 2015, em casa, acabou não gostando muito do resultado e, dessa forma, foi se aperfeiçoando até que em novembro ele foi montado para uma festa em uma das boates da cidade. Reynald considera que a sensação de se montar é libertadora, para ele:

— *Uma libertação de questões de gênero. Eu tento fazer um visual chique e ao mesmo tempo, um personagem descontraído mais voltado ao lado cômico. Muito bonita e também engraçada. Eu não preciso ser masculino, nem ser feminino, eu posso ser o que eu quiser a qualquer momento. Isso reflete muito fora do Drag também, na minha vida, eu não tenho tanta preocupação em ter que externar gêneros. Eu apenas sou o que sou, independente de simular feminilidade ou masculinidade (Reynald, em relato via Google Meet, 2020).*

Dentro da cena *drag* maceioense, Reynald/Khloe Klassy, além de se destacar pelo seu estilo cômico, como dito anteriormente, tem grande destaque como *DJ*. Tendo uma grande relação com a música desde muito cedo, a música é algo que mexe muito com a artista. Desde discotecagens que podem ir facilmente do *Pop* Internacional ao forró nordestino, Khloe também realiza performances que podem ser vistas como inusitadas, como por exemplo uma dublagem que fez de um medley da música “500 graus”, da cantora gospel Cassiane, junto com “*Baby Doll*”, da banda de forró Calcinha Preta.

Sobre ser *drag* na capital do estado, mesmo tendo reconhecimento no meio *drag*, ainda não é possível manter-se apenas da arte *drag* em Maceió devido à falta de oportunidade. Ainda existe muito boicote por parte de produtoras de festas em relação às *drags*, Reynald fala que:

— *É bastante difícil, e, apesar de ser uma das poucas artistas drags que são contratadas para eventos aqui em Maceió, a gente recebe muito boicote de outras festas também no meio LGBTQIPNA+, inclusive, que se recusam a ter drags nas festas, por exemplo. Praticamente impossível, não tem como se manter, porque às vezes o cachê não paga nem a maquiagem que você tá usando, você usa uma peruca de R\$ 300 no mínimo, e uma base de qualidade não sai por menos de R\$ 70, por exemplo. Então, no final, as contas não batem, ou seja, é impossível se manter. Por outro lado, é muito gratificante saber que enquanto alguns não me aceitam, várias outras recebem e me querem nos seus eventos, e ao mesmo tempo que eu não tenho aceitação de 100%, tenho um carinho muito grande de quem realmente consegue enxergar o valor das Drags, pois são pessoas que curtem a minha arte e que acham bacana e que de alguma maneira me patrocinaram (Reynald, em relato via Google Meet, 2020).*

### 3.1.3 Jade Zolita: DJ, cantora, compositora e performer

Por trás da *drag*, cantora, *DJ* e *performer*, Jade Zolita, está o talentoso Davi Buarque, um jovem branco, gay, e de estatura mediana. Davi explica que o nome de sua *drag* veio da mistura de uma personagem (Jade) que ele admirava em uma série juvenil norte-americana (*Victorious*), junto com o nome de uma cantora *underground* (Zolita) que ele gosta bastante. Segundo ele, conheceu de fato o mundo *drag* através da série RuPaul, apesar de antes já ter visto algumas apresentações em festas, ele só conseguiu entender do que se tratava quando começou a acompanhar o programa.

#### 3.1.3.1 Figura 9 – Foto de Jade em performance



Fonte: Acervo pessoal cedido pela artista (2022)

A primeira montagem como Jade aconteceu para a gravação do clipe de sua música “Sem medo”, o clipe nunca chegou a ser lançado, mas Davi disse que naquele momento se sentiu muito bem:

— *A sensação é incrível, de você poder ser o que você quiser, poder vestir o que quiser, sem julgamentos. E meio que é como se fosse uma energia, diferente da sua, daquela do seu dia a dia. E quando eu me monto me sinto mais forte. No fim das*

*contas sinto que a Jade é uma extensão do que eu sou (DAVI, em relato via Google Meet, 2020).*

Para Davi/Jade, ser *drag* em Alagoas não é fácil:

— *Olha, ser drag em Alagoas não é fácil, pelo menos pra mim, porque nunca fui muito de fazer linha e carão em festa para ser conhecida, vou pra uma festa me divertir, e performar, e isso acaba dificultando de eu ser conhecida, apesar de que eu não faço música para ser conhecida, eu faço para tocar as pessoas e elas curtirem, sentirem, sabe? Tenho uma inspiração muito grande na Katy Perry, ela me inspirou como artista, de ter letras tocantes (DAVI, em relato via Google Meet, 2020).*

Davi conta que não poderia viver apenas da arte *drag*, pois praticamente não há lucro para quem quer viver dessa arte. Os materiais são caros, e não há incentivo de marcas, sai tudo por conta do próprio artista. Fora isso, a demanda de shows não compensa o investimento em maquiagens, roupas, acessórios e o custo de deslocamento. Em contrapartida, ele usa para se transformar em Jade, roupas que já fazem parte do seu dia-a-dia e com isso, diminui o custo e permanece no estilo “*rock n’ roll*” da personagem.

#### 3.1.4 Kristina Klassy: DJ e performer

Tímida, mas *sexy*. Essa era a personalidade de Kristina Klassy. “Filha” *drag* da fabulosa Khloe Klassy, sua jornada na arte começou de forma despretensiosa, uma brincadeira entre amigos que, surpreendentemente, se transformou em um libertador experimento de autodescoberta de sua própria sexualidade.

José Neto viveu essa personagem por cerca de 7 meses e isso foi um ponto crucial para a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso. Estudante de Comunicação Social, *DJ* e Professor de aprendizagem e treinamento comercial, é um grande apreciador da arte *drag* e cultura *pop* em geral. Ao se encantar com *RuPaul’s Drag Race*, encontrou o impulso necessário para embarcar em sua própria jornada de transformação pessoal e construir sua montagem como Kristina Klassy.

### 3.1.4.1 Figura 10 – Foto de Kristina em festa



Fonte: Acervo pessoal cedido pela artista (2022)

A primeira montagem ocorreu em 2016, no meio de um quarto da Residência Universitária, apenas como brincadeira entre amigos que iriam para uma festa numa casa noturna da cidade. José conta que o nome "Kristina Klassy" surgiu da admiração pela cantora Christina Aguilera e carinho pela *drag* alagoana Khloe Klassy, que serviu como inspiração e figura materna para a montagem. Ao assistir ao programa, o desejo de dar vida à Kristina cresceu ainda mais. O *reality* mostrava um mundo glamoroso e divertido, e as *drags* que participavam se tornaram inspiração para seguir esse caminho. Acompanhando o programa a partir da quinta temporada, logo fez maratona para assistir as temporadas anteriores e assim seguiu até os dias de hoje.

Expor o lado feminino através da arte *drag* foi um ponto bastante marcante para o autoconhecimento e desenvolvimento como pessoa. Crescendo num ambiente cristão, existia uma grande dificuldade de expressar os seus sentimentos e vontades, mesmo tendo plena convicção de seu gênero e sexualidade, não se via livre para viver da forma como queria. Kristina então surgiu através dessa necessidade de libertação.

### 3.2 Documentário “*Don’t be a drag, just be a queen*” e a cena *drag* em Maceió

Ao decorrer da pesquisa, ficou claro como o âmbito visual é parte essencial do tema discutido e também pelo interesse no assunto, tivemos a ideia de produzir um filme que busca mostrar uma parte do cenário *drag* alagoano. Apesar do pouco tempo disponível para a produção de algo complexo, decidimos captar depoimentos de duas convidadas que estiveram presentes no desenvolvimento deste trabalho, e aprofundar mais na vivência delas como artistas *drag queen* na cidade de Maceió.

O trabalho principal aqui é tentar contar numa linha do tempo da atuação *drag queen* dos personagens, antes e depois da pandemia da Covid-19, e mostrar como esses indivíduos lidaram com a incerteza durante o tempo de lockdown.

Como ocorre com a maioria dos documentários, a proposta inicial era um projeto amplo e que contasse com muitos depoimentos, mas a realidade e produção tratou de moldar a ideia da forma que mais nos fosse possível coletar na fase de produção. Portanto, o documentário não mostra uma grande diversidade quanto ao esperado numa produção audiovisual.

As imagens capturadas mostram uma forma intimista e improvisada de entrevista, sendo algumas feitas dentro da residência dos entrevistados, e outras gravadas num café em uma avenida movimentada da cidade. Não foi possível alteração de ângulos em determinadas cenas, pela limitação de tempo e falta de equipamentos para a gravação, sendo tudo produzido de forma improvisada.

#### 3.2.1 Descrição dos personagens

O objeto de estudo deste documentário são personagens sociais: O primeiro deles é Reynald Lessa, contador e estudante de Letras na Universidade Federal de Alagoas-UFAL, sendo também docente em uma escola pública da cidade.

O outro personagem é Davi Buarque, que além de músico e *drag queen*, tem como principal fonte de renda o trabalho como atendente em um salão de beleza de Maceió.

E por fim, o psicólogo Rafael Fernandes, que faz trabalho voluntário voltado a atender pessoas LGBTQIPNA+.

#### 3.2.2 Orçamento e detalhamento técnico

Para a realização do documentário, “*Don’t be a drag, just be a queen*” (traduzido para “Não se esconda, apenas seja uma rainha”), utilizamos recursos

próprios. Com a divisão das despesas de deslocamento e alimentação. Nossa primeira locação foi a residência de um dos personagens, onde houve a entrevista e captação de dados e imagens. Utilizamos um celular pessoal, próprio, no modelo *Iphone 12 - 128gb* da marca *Apple* e um *gimbal* (estabilizador) para celular, no modelo *SmartEyes VX Case*. Neste dia as despesas foram com transporte.

A segunda entrevista ocorreu em um estabelecimento e foram feitas imagens da entrevista, com um celular no modelo *Iphone 12 - 128gb* da marca *Apple* e um microfone lapela. Neste dia as despesas foram com transporte e alimentação.

Para a finalização do documentário, fizemos o roteiro e edição utilizando computador e celular próprio. Onde a edição das imagens foi feita no celular *Iphone 12 - 128gb* da marca *Apple*, utilizando o aplicativo *Inshot*.

Por conta de curto período de tempo para realizar as gravações, fizemos as cenas em 1 semana, mediante disponibilidade de agenda dos participantes. Levando mais 3 dias para a edição e finalização do material.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao lançar o olhar para a categoria artística de *drag queens* do município de Maceió/AL, este trabalho permitiu iniciar estudo da complexa temática de problemas de gênero, LGBTQIPNA+ fobia e nas estruturas do patriarcado que ainda perpetuam na sociedade atual. Isto gerou reflexão sobre o ato de transformação das *drags* do corpo masculino em feminino, os sentimentos de masculinidade e feminilidade que acompanham aos procedimentos na produção estética de visuais femininos e os seus atributos.

Na atual sociedade moderna, ficou notório que o universo feminino, figurino, moda e *drag queens* se mesclam e se intercalam para construir uma figura. A cantora *drag* Pablo Vittar, por exemplo foi incluída no ranking das 25 mulheres mais *sexy* do Brasil. É fato que tal nomeação rendeu muitas críticas e sobretudo forte preconceito de camadas mais conservadoras da sociedade, porém, deve-se reconhecer tal fato como um grande avanço na sociedade contemporânea

Ressalta-se ainda, a forte influência de RuPaul Charles, com o programa *RuPaul Drag Race*, sendo este um marco fundamental na cultura *drag*, por ter ampliado a busca de mais notoriedade e mesmo por um local de fala na defesa de causas LGBTQIPNA+. Por atravessar várias gerações e diferentes momentos sociais, o programa de RuPaul encarregou-se da transição das *drag queens* caricatas para as femininas atuais e também por as mulheres estarem se montando cada vez mais parecidas com as *drag queens*.

Por fim, na introdução demonstramos que o nosso problema era identificar se existia de fato uma cena *drag* em Maceió, e trazer uma amostra de como ela estava sendo vivida/construída. E constatamos que, embora todo o preconceito existente em nossa sociedade, principalmente no recorte de nossa cidade, Maceió-AL, há sim indivíduos LGBTQIPNA+ que vivem da arte, e entre eles, os artistas *drags*, que buscam na música e na performance, expressar seus pensamentos.

Deixamos evidente que toda essa discussão é densa, e bastante profunda. Esperamos que nosso trabalho seja apenas uma porta para que esse tema seja discutido por mais pessoas, e que outras pesquisas se iniciem, dando continuidade ao que trouxemos aqui.

## 5. REFERÊNCIAS

AMANAJÁS, I. **Drag queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas**. Revista Belas Artes, v. 6, n. 16, p. 1-23, 2015.

ALMEIDA, M.F. **Resumo do livro: Butler, J.(2016). Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. RAC: Revista Angolana de Ciências, v. 3, n. 1, p. 266-273, 2021.

ÁLVAREZ, S. **Engendering democracy in Brasil: women's movements in transición politics**. Pinceton: Princeton University Press. 2001.

AMANAJAS, I. **Drag queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas**. São Paulo, Revista Belas Artes 6 (ed 16), 2014.

ANDRADE, J.B.. **Simone de Beauvoir e a dimensão metafísica da existência: uma análise de'A convidada'| Simone de Beauvoir and the metaphysical dimension of existence: an analysis of'She came to stay'**. Revista PHILIA| Filosofia, Literatura & Arte, v. 3, n. 1, p. 495-528, 2021.

ANTRA. **Associação Nacional de Travestis e Transexuais**. Assassinatos. 2021. <https://antrabrasil.org/assassinatos/> Acesso em 19 jul. 2022.

ARAÚJO, M.S.; CAMPOS, C.S.. **(Re) considerações em torno da identidade de gênero na infância e adolescência**. Revista de Psicanálise da SPPA, v. 28, n. 3, p. 569-581, 2021.

ARISTÓTELES. **Arte Poética**. São Paulo: Martin Claret: Ed 1, 2003.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Parte III. A Sociedade como realidade subjetiva. Rio de Janeiro, Vozes, 1985.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BLAY, E.A. **Violência contra a mulher e políticas públicas**. *Scielo Public Health*. São Paulo, V.17 n.49. p.15, 2003.

BRASIL. **Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943**. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del5452.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm). Acesso em 18 jul. 2022.

BRANDÃO, D. **Efeito RuPaul e crescimento da comunidade drag**. Revista Lado A. Disponível em: <http://revistaladoa.com.br/2016/03/noticias/efeito-rupaul-crescimento-comunidade-drag>> Acesso em 13/11/2017

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: senado, 2020. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)> Acesso em: maio de 2020.

BRITO. M.M.V. **FEMINISMO ESTRUTURADO**: Uma base de dados sobre o Movimento Feminista. 2021. f.80 (Tese e Biblioteconomia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

CARNEIRO, S. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados, v.17, n.1, p.49, 2003.

CARVALHO, Cicero Pérciles de. **Economia popular: uma via de modernização para Alagoas**. 6. ed. Maceió: EDUFAL, 2015a.

CAVALCANTI, E. **“A Queima dos Sutiãs”- a fogueira que não aconteceu**. 2008. Disponível em: (<http://anos60.wordpress.com/2008/04/07/aqueima-dos-sutias-a-fogueira-que-nao-aconteceu>). Acesso em 18 jul. 2022.

COSTA, A.A.P. **Avances y definiciones del movimiento feminista em Brasil**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Facultad de Ciencias Políticas y Sociales, México, 2011.

COSTA, A.A.A. **O Movimento Feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política**. Revista Mundo, v.1, n.1, p. 20, 2015.

CUNHA, B.M. **Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero**. XVI Jornada de iniciação científica de direito da UFPR. Curitiba, 2014. Disponível em: <<http://www.direito.ufpr.br>>. Acesso em: 22 maio 2020.

ESPÍNOLA, M.R.; SILVA, M.S; ALVES, A.R. **Conhecimento é liberdade: os neologismos no movimento feminista brasileiro**. Educação como (re) Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos, v. 21, p. 569-587, 2021.

FARIA, A.L.G.; DEMARTINI, Z.B.F.; PRADO, P.D. **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Autores Associados, 2022.

FERREIRA, R.V.L. **“O sofrimento vivenciado no espaço universitário: o assédio moral e seus efeitos na vida do estudante”**. In: ALAS - Crise e emergência Social na América Latina. In, XXIX Congresso Latino Americano de Sociologia – ALAS...Anais... Chile: Universidade do Chile, 2013. v. 1. p. 1-1.

FIGUEIREDO, M. **A evolução do feminismo no Brasil. In: O Feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas....Anais... NEIM/UFBa, Salvador, 2018.**

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. São Paulo, Graal, 2005.

GALETTI, C. **Feminismo em movimento: A Marcha das Vadias e o movimento feminista contemporâneo**. *Accelerating the world's research*, v.1, n.1, p. 16, 2014.

GARCIA, C.C.. **Breve história do feminismo**. Claridade, 2018.

GARCÍA, R.P. ***El patriarcado no es transparente: competencias del profesorado para reconocer desigualdad***. *Cultura y Educación*, v. 23, n. 3, p. 385-397, 2011.

GOMES, A. ***Drag queen hétero, casado e pai de família brilha contra o preconceito***. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/minas-gerais/fotos/drag-queen-hetero-casado-e-pai-de-familia-brilha-contra-o-preconceito-31082014#!/foto/1>> Acesso em: 13/11/2017

GONZAGA, R.R.N.; OLIVEIRA, S.R.F.. ***Infância e cidade: os processos de socialização das crianças***. *Interações (Campo Grande)*, v. 23, p. 231-246, 2022.

HOOKS, bell. ***O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras***. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. E-book.

JAQUETTE, J. S. ***Los movimientos de mujeres y las transformaciones democráticas en América Latina***. In: LEON, Magdalena (Org.). *Mujeres y participación política. Avances y desafíos en América Latina*. Bogotá: Tercer Mundo, 2014.

JESUS, J.G. ***Orientações sobre identidade de gênero : conceitos e termos***. Brasília, Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional – EDA/FBN, 2012.

JUNIOR, A.P; *et al.* ***LIDERANÇA: evolução das suas principais abordagens teóricas***.In. Congressos Nacional Excelência em Gestão – CNEG...Anais...Rio de Janeiro, 2014.

LEON, M. ***Movimiento social de mujeres y paradojas de América Latina***. In: LEON, Magdalena (Org.). *Mujeres y participación política. Avances y desafíos en América Latina*. Bogotá: Tercer Mundo, 2014.

LOBO, E.S. ***Mulheres, feminismo e novas práticas sociais***. *Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 1, n. 2, 2017.

Louro, G. L. ***Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer***.- 3 ed.; 1 reimp. Belo Horizonte: Autênciã Editora, 2020.

MOREIRA, L.C.Z. ***Mulher líder na contemporaneidade: um estudo das mulheres bancárias de Santa Rosa/RS***. 2015.f.109. (Trabalho de Conclusão de Administração), Santa Rosa, RS. 2015.

MORTALE, T.A. B et al. ***Trajetórias do movimento feminista e a percepção de direitos sociais e da legislação como estratégia de superação da desigualdade***

**de gênero entre pesquisadoras brasileiras.** Revista Brasileira de Políticas Públicas, v. 12, n. 1, 2022.

MOLYNEUX, M. **Movimientos de mujeres en América Latina. Un estudio teórico comparado.** Madrid: Catedra: Universidad de Valencia. 2003.

McCOMBS, M. **A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NASCIMENTO, J.B. **EKOAVERÁ: Um Estudo Sobre a Territorialidade nos Processos Identitários das Drags Demônias.** Belém, 2019.

OLIVEIRA, K.H. de. **Intensos encontros: Michel Foucault, Judith Butler, Paul B. Preciado e a teoria queer.** Revista Estudos Feministas, v. 29, 2021.

PACHECO, D. **Quando assistir RuPaul's Drag Race se torna um ato político.** Disponível em: <[http://www.brasilpost.com.br/denis-pacheco/quando-assistir-ru-paul-se-torna-um-ato-politico\\_b\\_5253717.html](http://www.brasilpost.com.br/denis-pacheco/quando-assistir-ru-paul-se-torna-um-ato-politico_b_5253717.html)> Acesso em: 28/10/2017

PEDRO, C.B.; GUEDES, O.S. **As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres.** In: I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas... Anais... Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

PISCITELLI, A. **Gênero: a história de um conceito.** In: SZWAKO, José Eduardo (orgs). Diferenças, igualdade. São Paulo, Ed. Sociedade em Foco, 2009.

ROSA, C. T. **A arte drag queen e a expressão da identidade.** Monografia (Bacharelado em Psicologia) - Campus Universitário de Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, p. 38, 2021.

SANTOS, C.C. **O Ser DRAG e o viver queen: Estereótipos e configuração do artista performático em Maceió.** 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2262/717>> Acesso em 28/10/2017

SARTI, S. **O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA LASA, 21., 2018, Chicago. Anais... Chicago: Illinois, set. 2018.

Scott, J. (1995). **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade, 20 (2), 71-99.

SILVIA, E. **Androcentrismo nos estudos da juventude: efeitos ideológicos e possíveis aberturas.** Na última década , v. 14, n. 25, pág. 91-110, 2006.

SILVA, S.G. **Preconceito e discriminação: as bases da violência.** Revista Psicologia ciência e profissão, v. 30, n.3, p. 10, 2010.

SILVA, J. De.B. **Evolução de Liderança e Postura dos Líderes Atuais**. Revista Ciências Jurídicas Empresas, Londrina, v. 15, n. 1, p. 119-127, Mar. 2014.

SILVA, P.C.S.; BRAGA, A.M.. **Transição Capilar: O cabelo como instrumento de política e libertação através da identidade e suas influências...Anais...** In: XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Uberlândia, MG. 2015.

SIMÕES, S.D. **Deus, pátria e família**. As mulheres no Golpe de 1964. Petrópolis: Vozes, 2015.

VALDÉS, T. ***De lo social a lo político. La acción de las mujeres latino-americanas.*** Santiago: Lom Ed., 2000.

## 6. APÊNDICE

Apêndice - Roteiro da entrevista aplicada

1. Qual seu nome (fora do *drag*)?
2. Qual seu nome *drag* e significado?
3. Idade
4. Profissão
5. Como conheceu o meio *drag*?
6. Quando se montou pela primeira vez?
7. Qual a sensação de se montar?
8. Qual sua relação com a música?
9. Como é ser *drag* em Alagoas?
10. Você conseguiria se manter apenas de montagem *drag*?
11. Qual o custo de se montar?
12. Dentre as lojas maceioenses, existe algum apoio ou patrocínio?
13. Qual o estilo de montagem preferido?
14. Você sofreu algum preconceito no meio familiar e/ou fora dele?
15. Como você vê o aparecimento de novas *Drags* dentro do cenário maceioense?
16. Você conhece o produto midiático RuPaul's *Drag Race*? Como você acha que ele influencia no cenário atual?